



A EVOLUÇÃO DA ABORDAGEM DA FEMINILIDADE E GÊNERO NAS CRIAÇÕES DA MATTEL: UMA COMPARAÇÃO DOS FILMES DE ANIMAÇÃO DA BARBIE E O FILME “BARBIE” DE 2023

LA EVOLUCIÓN DEL ENFOQUE A LA FEMINIDAD Y EL GÉNERO EN LAS CREACIONES DE MATTEL: UNA COMPARACIÓN DE LAS PELÍCULAS DE ANIMACIÓN DE BARBIE Y LA PELÍCULA “BARBIE” DE 2023

THE EVOLUTION OF THE APPROACH TO FEMININITY AND GENDER IN MATTEL CREATIONS: A COMPARISON OF BARBIE ANIMATION FILMS AND THE 2023 “BARBIE” MOVIE

Ana Laura Schliemann¹

Gabriela Martins de Jesus²

Rayssa Barbosa de Siqueira³

RESUMO

Compreendendo o caráter disseminador da cultura, a partir de filmes, noções e valores são propositalmente transmitidos, carregando sentidos para fenômenos sociais, como a perspectiva de gênero e sexualidade do público majoritário que consome seus produtos: crianças e adolescentes. O presente artigo abre o diálogo qualitativo entre algumas produções audiovisuais do universo Barbie, analisando a autenticidade com a qual os propósitos morais da empresa Mattel Inc. evoluíram ao longo das últimas três décadas. O filme de referência para a realização da pesquisa se trata do longa-metragem “Barbie” de 2023 por produção e direção de Greta Gerwig. A análise levantou discussões sobre a evolução da feminilidade e masculinidade nos filmes da Barbie, tal produção que gerou maior debate sobre o personagem Ken, que não existiu nas produções anteriores. A pesquisa ao final considerou que todos passaram por alguma reformulação para se adequar a terceira década do século 21.

PALAVRAS-CHAVE: Filmes da Barbie. Boneca. Feminilidade. Masculinidade.

¹ Ana Laura Schliemann. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil.

² Gabriela Martins de Jesus. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil.

³ Rayssa Barbosa de Siqueira. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil.

RESUMEN

Comprender el carácter divulgador de la cultura, a partir de películas, nociones y valores que se transmiten intencionalmente, portadores de significados para fenómenos sociales, como la perspectiva de género y sexualidad del público mayoritario que consume sus productos, niños y adolescentes. Este artículo abre el diálogo cualitativo entre algunas producciones audiovisuales del universo Barbie, analizando la autenticidad con la que han evolucionado los propósitos de la empresa Mattel Inc a lo largo de las últimas tres décadas. La película de referencia para realizar la investigación es el largometraje "Barbie" de 2023, producido y dirigido por Greta Gerwig. El análisis generó discusiones sobre la evolución de la feminidad y la masculinidad en las películas de Barbie, producción que generó más debate sobre el personaje de Ken, que no existía en producciones anteriores. Al final, se consideró que todos ellos sufrirán alguna reformulación para adaptarse a la tercera década del siglo XXI.

PALABRAS-CLAVE: Películas de Barbie. Muñeca. Feminidad. Masculinidad.

ABSTRACT

Understanding the disseminating nature of culture, through films, notions and values are purposefully transmitted, carrying meanings for social phenomena, such as the perspective of gender and sexuality of the majority public that consumes its products, children and adolescents. This article opens a qualitative dialogue between some audiovisual productions from the Barbie universe, analyzing the authenticity with which the moral purposes of the company Mattel Inc have evolved over the last three decades. The reference film for carrying out the research is the 2023 feature film "Barbie", produced and directed by Greta Gerwig. The analysis raised discussions about the evolution of femininity and masculinity in Barbie films, a production that generated greater debate about the character Ken, who did not exist in previous productions. The research at the end considered that all of them underwent some reformulation to adapt to the third decade of the 21st century.

KEYWORDS: Barbie Movies. Doll. Femininity. Masculinity.

* * *

Introdução

Barbie, a boneca que moldou e criou gerações de crianças e jovens, é inegavelmente uma imagem de feminilidade marcante no mundo ocidental. Desde sua criação, apenas os brinquedos da boneca ultrapassaram de um bilhão de unidades vendidas, e mesmo sendo lançada há 64 anos continua dentro do imaginário coletivo e sendo a pioneira e revolucionária no mercado de brinquedos, onde possui relevância até os dias de hoje.

Barbie foi criada em 1959 por Ruth Handler. A inspiração para a criação da boneca, como consta no site oficial da Mattel Inc.⁴, foi a filha de Ruth, Barbara, que ao perceber que a filha brincava com bonecas de papéis decidiu criar uma boneca tridimensional para as meninas brincarem. Além disso, de acordo com Araújo (2021) ao viajar para a Suíça, a pedido de sua filha, comprou e conheceu uma boneca chamada Bild Lilli, popular na Europa. Assim, de volta aos Estados Unidos, e vendo que o mercado produzia majoritariamente bonecas em formato de bebês, apresenta então a proposta de criar uma boneca adulta que poderia usar diversas roupas e se enquadrar em qualquer fantasia das crianças que a comprariam a fim de diversificar o modo como brincavam de boneca. Barbie, então, é lançada oficialmente no dia 09 de março de 1959, em uma feira em Nova York pela Mattel (empresa criada em 1945 por Ruth, seu marido Elliot Handler e Harold Matson⁵).

Quando a boneca foi criada na década de 1950, suas características físicas foram escolhidas a partir do padrão de beleza considerado ideal na época. Nascia-se então uma boneca loira, de olhos azuis, branca e magra. Ademais, a criação da boneca se deu em um contexto histórico e social muito distinto do visto atualmente, mas, com o movimento feminista despontado e tomando mais força nas épocas que se seguiram as pautas de gênero, feminilidade, papel da mulher na sociedade e entre outras foram abertamente debatidas e difundidas o que fez com que a Barbie tivesse que se reinventar ao longo dos anos tanto como marca quanto como imagem e também em sua publicidade. De acordo com Araújo (2021) isso fica mais evidente quando analisados os slogans que a boneca teve ao longo de sua trajetória, que marcam os momentos sociais vividos, dentre os principais o mais antigo "Tudo que você quer ser" para o mais novo slogan "Seja quem você quiser".

Barbie gradualmente foi se tornando uma das bonecas mais comercializadas do planeta. Quando lançada era uma estudante de moda, mas com o passar dos anos passou a possuir diversas outras carreiras como cirurgiã, modelo, astronauta, arquiteta, aviadora, professora, diplomata, engenheira, presidente e entre outras.

Desse modo a presença e o impacto que a boneca tem na sociedade é inegável e em concomitância a isso a forma como a sua criação e representação de feminilidade que perpassa sua constituição são pautas de análise para esse trabalho. Uma vez que para Denise Jodelet (1985), as representações, são sempre representação de um objeto, tem

⁴ Disponível em ><https://corporate.mattel.com/history><. Acesso em 28 de maio. 2024.

⁵ Disponível em em ><https://corporate.mattel.com/history><. Acesso em 28 de maio. 2024.

sempre um caráter imagético e a propriedade de deixar intercambiáveis a sensação e a ideia, a percepção e o conceito. No presente texto, será feito, portanto, uma análise do ideal feminino e da relação da boneca com as noções de gênero, pautadas na discussão de novas formas de feminilidade e masculinidade a partir de um recorte cinematográfico dos filmes da Barbie.

Gênero e feminilidade perpassados pela Barbie

Para entender o modo como questões de gênero e a noção de feminilidade são engendradas nos filmes da Barbie é necessário, no entanto, fazer um recorte teórico do que a presente pesquisa define como gênero. Partindo de teorizações feitas por Guacira Lopes Louro (1997), é visto que gênero é um processo socialmente construído que instaura no sujeito a noção de identidade, em conjunto com outros marcadores sociais (classe, nacionalidade, etnia e entre outros.). É a partir dessa identidade de gênero que o indivíduo se identifica como feminino ou masculino. A autora dialoga que é a partir de processos sociais e históricos que faz com que o gênero seja algo constituinte da subjetividade individual.

É possível pensar as identidades de gênero de modo semelhante: elas também estão continuamente se construindo e se transformando. Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo. Essas construções e esses arranjos são sempre transitórios, transformando-se (Louro, 1997, p. 23).

Não existe, portanto, uma maneira única de ser feminino ou masculino já que os indivíduos constroem suas identidades de gênero muito atravessados pela cultura e história partindo de um processo de aprendizado e construção identificatória. Na contemporaneidade novos recortes de gênero vêm se moldando, para além da binariedade do feminino e masculino. O movimento de indivíduos não-binários e fluidos na sociedade, rompe com normativas estabelecidas, e acrescenta à luta de gênero ao que ressignifica vivências, experiências e conceitos, estes que em seu cárcere calcificou até mesmo os ideais de integrantes assíduos da luta contra o patriarcado.

Nessa perspectiva, entende-se gênero como um espectro que compõe dois extremos, feminino e masculino, e aqueles que flutuam neste espectro, como a transgeneridade, não-binarismo de gênero fluido.

A determinação do gênero na vivência enquanto seres sociais, não molda apenas o existir, mas como também o ser, o ser corporal, que vê e é visto. O gênero enquanto identificação social prevê a associação direta com o sexo biológico, que subjetifica o indivíduo a um único papel a ser performado para a heterossexualidade normativa, e marginaliza aqueles que desviam do desejável moralmente e esteticamente. O corpo em vista disso se torna também um campo de batalha, se torna luta e resistência, representada por indivíduos não-binários e transgêneros, em movimento de ressignificação e criatividade (Padilha, 2017).

Em concomitância a isso, a discussão de gênero em sua pluralidade e transitoriedade é refletida nas produções humanas sejam elas símbolos, artefatos culturais, relações sociais, discursos e ou representações práticas que moldam e relacionam a maneira de como a discussão de gênero é vista na sociedade.

Um artefato cultural muito utilizado na construção de identidade são os filmes. Desde os primeiros contatos com o mundo são apreendidos, continuamente, discursos que muitas vezes são propagados por artefatos culturais que são atravessados e absorvidos por cada indivíduo no qual ditam a norma e o ideal de feminilidade e masculinidade. De acordo com Luciana Borre Nunes (2010):

Desse modo, nossas identificações podem partir de diferentes meios, como a mídia, a publicidade, os brinquedos e os filmes. E a identidade de gênero também é produzida por meio dessas relações, pois “[...] [gênero é uma identidade fabricada, produzida ao longo da vida por diversas pedagogias culturais, pois se aprende a viver como homem e como mulher (apud Michely Souza *et al.*, 2017, p. 724).

Os filmes, portanto, são exemplos de como a noção de gênero e feminilidade se aplicam nesse processo de aprendizado, contudo, antes de analisar os filmes e suas maneiras de expressar identidades de gênero e o “ser feminino”, é necessário entender a importância desse artefato cultural, filmes, especificamente desenhos animados para a formação e desenvolvimento de um indivíduo.

Importância dos desenhos infantis

Os desenhos animados, assim como filmes são importantes artefatos culturais que atravessam a vida e o desenvolvimento integral do indivíduo uma vez que, com o advento da tecnologia e globalização os desenhos são vistos por uma parcela muito maior de indivíduos e assim, passou-se a ser um poderoso referencial de aquisição de

entretenimento, conhecimento e lazer (Lucio, 2015). Para além disso, os desenhos animados trazem consigo uma forma de explorar e interagir com o mundo a fim de estabelecer uma relação com ele e consigo mesmo, que pode auxiliar no processo de desenvolvimento de identidade e noções de pertencimento (Magalhães, 2003). Assim, do mesmo modo que os indivíduos se relacionam com aqueles que estão em sua volta, também se relacionam com a televisão (desenhos, filmes etc.) e dentro disso existe uma série de desdobramentos vistos como positivos e negativos.

De um modo geral, os desenhos animados podem servir de estímulo para o desenvolvimento da identidade no indivíduo, principalmente no da criança. Nas produções de desenhos são encontradas diversas mensagens e fontes de informações que são usadas para introduzir nas crianças diversos tipos de aprendizados e através deste processo elas absorvem símbolos e palavras que ajudam no processo de imaginação e dos significados sociais, que vão possuir reminiscências até a vida adulta

Pensando nisso, a Mattel vem lançando desenhos animados como forma de ampliar sua marca e lançou os primeiros dois longas-metragens da Barbie em 1987. O primeiro filme "Barbie, a Estrela do Rock" contava a história da Barbie e sua banda que decidem fazer um show no espaço e, inesperadamente, são transportadas de volta no tempo para o ano de 1959, o ano de seu lançamento. O segundo filme lançado no mesmo ano, "Barbie e Sensações: Voltando Para a Terra do Rockin", continua a história anterior, com a banda tentando desesperadamente encontrar uma forma de retornar ao seu tempo atual, enquanto permanece presa em 1959. Contudo, foi a partir dos anos 2000 que a Mattel, em parceria com a Universal Pictures, produziu uma série de filmes da Barbie. Em 2001, "Barbie: O Quebra-Nozes" foi o primeiro lançamento da parceria. Neste artigo serão analisados essa leva dos filmes da Barbie juntamente com o novo filme da boneca lançado em 2023.

A pesquisa e seus caminhos

A relevância e presença social da boneca Barbie foi constante desde sua invenção em 1959 por Ruth Handler, assim como os trabalhos direcionados a estudar o impacto social que a boneca carrega. Não seria, portanto, diferente no ano de 2023, em um dos filmes mais esperados do ano, por uma grande produtora de filmes globais, a Warner Bros.

Em apenas três semanas de exibição, o filme alcançou em dinheiro mais de US\$1 bilhão (aproximadamente R\$4,8 bilhões) globalmente, uma

inédita conquista para uma diretora mulher e solo. Ademais, a Mattel recebe royalties de todas as empresas que conseguiram licenciamento de produtos da empresa, o que gera grandes lucros. A empresa estima lucro de até US\$950 milhões no ano de 2023, que foi impulsionado pelo lançamento do filme (Vannini Ribeiro *et al*, 2023, p. 285).

Com o lançamento do novo filme, se iniciou a busca do estudo de comparação de uma produção mais recente, direcionada a um público jovem, com os filmes anteriores, feitos para os jovens do final do século 20, até o começo do século 21. Enxergar, portanto, a evolução de problemáticas sociais relacionadas a gêneros e papéis sociais, se tornou o objetivo, a partir da revisão dos métodos já desenvolvidos pela pesquisa “Subjetivações femininas: entre concordâncias e possibilidades de resistência nos filmes de animação da Barbie” (2021). No artigo que inspirou o presente estudo, feito por Bacarin (2021), foram identificadas diferentes representações de ser feminino no mundo Barbie, visto principalmente dentro das produções mais recentes, onde existe uma forma e resistência aos papéis sociais construídos no imaginário social. No entanto, ainda existe em muitos filmes um padrão pré-estabelecido a ser seguido pelas personagens.

No estudo presente, portanto, busca-se identificar a presença, ausência e diferenciações das feminilidades abordadas na nova produção da Barbie, fazendo uma leitura do filme a partir da análise da pesquisa de 2021, mais de uma década após o último filme analisado da boneca, investigando suas evoluções e transmutações.

Trajetórias da pesquisa

Este presente estudo é uma pesquisa qualitativa de caráter documental. Diante dos objetivos, será realizada uma releitura do filme de 2023, a partir da óptica dos agrupamentos feitos na pesquisa de 2021. Nessa pesquisa, foram feitas categorizações chamadas de agrupamentos, que delimitaram temas em comum, sobre feminilidade e gênero, em filmes de desenho da boneca Barbie até o ano de 2012, que foram utilizados como instrumentos de análise. Portanto, tais ferramentas já desenvolvidas serão aplicadas para analisar o filme Barbie de Greta Gerwig (2023), tanto sobre a produção audiovisual, como de seu contexto e efeitos, a fim de analisar suas evoluções, concordâncias e discordâncias. Os agrupamentos são os seguintes:

- Agrupamento 1) “Ensinaamentos de feminilidade”;
- Agrupamento 2) “Renúncia de algo pelo bem comum”;
- Agrupamento 3) “Amizades verdadeiras”;

- Agrupamento 4) “Amor romântico”;
- Agrupamento 5) “Feminilidade diferente do modelo reafirmado nos filmes”.

Resultados da pesquisa

A fim de realizar os propósitos deste estudo, foi assistido três vezes o filme “Barbie” (2023). Em frente a este fato, foram designadas passagens do filme, assim como elementos, que contribuíram para a análise dos agrupamentos a serem estudados.

O filme, “Barbie” de 2023, dirigido e produzido por Greta Gerwig, segue as aventuras de Barbie, que assim como todas as Barbies já inventadas, vive em um mundo matriarcal mágico chamado de Barbieland, junto aos bonecos Ken’s, que neste mundo possuem papéis secundários no mundo das bonecas e não possuindo nenhuma responsabilidade para além de ser o namorado da Barbie. As Barbies nesse mundo possuem carreiras em todos os âmbitos da sociedade e governam seu mundo com a convicção que salvaram todas as mulheres do mundo real com a sua existência. Todos os dias na Barbieland são perfeitos, e iguais, cheios de festas, danças e festas de pijama. Até que um dia Barbie Estereotipada, a Barbie que de acordo com a protagonista: “Quando alguém pensa em Barbie, eles pensam em mim, a Barbie Estereotipada”, começa a ter experiências estranhas. A Barbie Estereotipada se trata da boneca original lançada pela Mattel, ou seja, loira, branca, de olhos azuis e magra. Ela passa a experienciar depressões, ganha mau hálito, o seu dia que antes era perfeito começa a apresentar situações ruins ou a dar errado, e ainda por cima perde seus pés em formato de salto alto, ganhando pés planos. Na busca por descobrir o porquê dessas experiências, descobre que tem de ir ao mundo humano, buscar a humana que é sua dona, a fim de poder voltar à vida normal que estava acostumada. Barbie, então, começa a aventura, junto a um inesperado companheiro, Ken, que se une a ela e juntos partem para o mundo humano. Ao chegar, Barbie descobre que não salvou as mulheres humanas, e que o machismo ainda existe, sofrendo em pele o que as mulheres humanas passam todos os dias, já Ken, descobre que no mundo humano é valorizado, e não é apenas um acessório de Barbie. Em meio a brigas e fugas com a empresa Mattel, que busca incansavelmente colocar Barbie em uma caixa de volta a Barbieland e encontrar a humana que é sua dona, Ken volta a Barbieland, e instaura um patriarcado no lugar do original matriarcado das Barbies.

A nova missão de Barbie Estereotipada, e de todas as Barbies, junto à sua dona humana e sua filha, se torna de destruir o patriarcado instaurado pelos Kens na

Barbieland, agora chamada de Kendom. Uma passagem recheada por crises existenciais por parte de Barbie, e críticas sociais, termina com as Barbies, novamente, sob controle de Barbieland, agora um tanto mais inclusiva com os Ken's. Barbie estereotipada decide então terminar seu namoro com Ken, e partir para sua vida no mundo humano.

Ensinamentos da feminilidade

O primeiro agrupamento a ser observado se trata dos "Ensinamentos da feminilidade", que de acordo com a pesquisa de base, se trata:

Neste agrupamento foram distribuídos os filmes que apresentam, de forma objetiva, o ensinamento de um modo idealizado de ser feminina. Ensinam por meio das canções ou de falas e atitudes das personagens, cujas protagonistas são princesas (Bacarin; Filha, 2021, p. 357).

O filme de 2023 se inicia, após uma entrada triunfal por uma Barbie original de 1959, ao que a música que introduz o dia das Barbies começa a tocar. Cantada pela cantora Lizzo, a música termina com a seguinte letra: "R, radiante; O, ovacionada; S, sempre feliz; A, amável; Ei, Midge; Deixa para lá". E ao que Barbie Estereotipada começa a apresentar características humanas, a música é alterada, seguindo uma letra sarcástica, Barbie se torna desastrada, depressiva e até chega a adquirir estrias.

Inicialmente, o filme analisado não se encaixa no agrupamento, uma vez que nenhuma das Barbie apresentadas na produção se trata de princesa. Em seguida deste fato, compreende-se que o filme se inicia com um padrão humorístico do comportamento esperado de uma boneca Barbie. Ao que a protagonista começa a apresentar comportamentos diferentes do padrão, suas amigas afirmam que a boneca apresenta defeito, iniciando então sua aventura para reaver o mundo a qual Barbie Estereotipada já conhecia. No entanto, ao que a trama se desenvolve, as personagens do gênero feminino começam a questionar os comportamentos que são esperados pelo mundo patriarcal. Já na segunda metade do filme, é apresentado um mundo fantástico patriarcal inventado pelos bonecos Ken, ironizando sobre as expectativas dos Ken 's sobre a vida e corpos femininos. Barbie's não mais usam roupas estilosas e aderentes a suas personalidades únicas, mas saias e vestidos de empregadas, e existem nas cenas como meros candelabros segurando bandejas de cervejas, com o objetivo único de servir aos Ken's.

O filme antes de seu clímax final, conta com o grito de guerra de Glória, a humana de Barbie Estereotipada, que tem um monólogo de por volta de 5 minutos, sobre as expectativas a respeito da vida de mulheres no mundo humano, e no patriarcado de Ken's.

É interessante analisar pois no momento da fala de Glória a Barbie Estereotipada se encontra em um momento de muita fragilidade, chorando dizendo que não é bonita o suficiente e que não tem um propósito na vida e partindo do exposto pelo filme que a Barbie Estereotipada é como o nome já indica, um estereótipo do padrão de beleza ideal ouvi-la fazer esse discurso mostra como de fato o padrão de beleza e as normas de feminilidade estão engendradas no inconsciente de toda mulher e como esse padrão é impossível de ser alcançado. Glória então discursa:

“É literalmente impossível ser mulher... você é tão linda, tão inteligente e me mata saber que você não se acha boa o suficiente. Olha, a gente sempre tem de ser extraordinária, mas de alguma forma está sempre fazendo errado. Você tem de ser magra, mas não demais e nunca pode dizer que quer ser magra tem de dizer que quer ser saudável, mas também tem de ser magra. Tem de ter dinheiro, mas não pode pedir dinheiro porque aí é grosseiro. Tem que ser chefe, mas não cruel. Tem que liderar, mas não pode detonar a ideia dos outros; você tem que adorar ser mãe, mas não pode falar dos seus filhos o tempo todo. Você tem que ter uma carreira, mas também tem que cuidar dos outros o tempo todo, você é responsabilizada pelo mau comportamento dos homens, o que é absurdo, mas se disser isso é acusada de reclamar demais. Você tem que ser bonita para os homens, mas nunca tanto que provoque eles e isso ameace outras mulheres porque você tem que ser parte da sororidade, mas também sempre se destacar e sempre ser agradecida, mas nunca esquecer que o sistema é falho então tem que reconhecer isso, mas estar sempre agradecida. Você nunca pode envelhecer, nunca ser grosseira, nunca se exhibir, nunca ser egoísta, nunca vacilar, nunca falhar, nunca demonstrar medo, nunca passar do limite... é difícil demais, é contraditório demais e ninguém te dá uma medalha ou te agradece e na verdade não é que você faz tudo errado, mas também tudo sempre é culpa sua.”

Nota-se que um fator relevante na fala de Glória, condizente com o agrupamento (1), que de acordo com Bacarin e Filha (2021), os ensinamentos sobre feminilidade são passados, de maneira geral, por mulheres e para mulheres, assim como a humana apresenta uma nova noção de feminilidade às Barbies de Barbieland.

Em vista do que foi apresentado, o filme de 2023 não condiz com os requerimentos do agrupamento “Ensinamentos da feminilidade” identificados nos filmes da boneca Barbie até o ano de 2012, que se definia por modos idealizados de ser feminina, perpassados por canções ou falas. Consequentemente, como proposta de renomear o grupo, a fim de obter um agrupamento fidedigno ao filme de 2023, um novo título assumido para a nova produção seria: “Questionamentos acerca do gênero”, que tem

como objetivo identificar se os personagens se identificam com as normas de gênero e comportamento perpassadas, e se chegam a questioná-las ou alterá-las durante a trama.

Renúncia de algo pelo bem comum

O segundo agrupamento do artigo original refere-se a "Renúncia de algo pelo bem comum", que de acordo com Bacarin e Filha (2021), trata:

Neste agrupamento estão os filmes que trabalham com a ideia do "altruísmo" como característica da vivência da feminilidade. Nestes filmes a protagonista renuncia a seus sonhos, desejos, daquilo que tem de mais precioso em nome do bem comum. Este foi o agrupamento com maior número de filmes, no entanto, praticamente todos os filmes da Barbie apresentam o altruísmo como característica desejável da personalidade das protagonistas (Bacarin; Filha, 2021, p. 363).

É aqui que se enquadram os filmes que abordam a ideia de um altruísmo como algo inerente à feminilidade. De acordo com a pesquisa de base, dos 23 filmes analisados, todos sem exceção, perpassam por essa característica de renúncia e altruísmo. São nesses filmes que a protagonista precisa renunciar a todos os seus sonhos, desejos e interesses em nome do bem comum ou para que o mundo seja "salvo". Foi identificado na pesquisa que quase todos os filmes da Boneca colocam como característica importante e desejável para a personalidade da protagonista, o altruísmo e a abnegação.

No filme de 2023 essa característica não é vista necessariamente desta forma, uma vez que a Barbie parte para o Mundo Real para poder salvar a si mesma e entender o que estava acontecendo consigo. Ela parte, portanto, para uma jornada de autoconhecimento, que também é vista em outros filmes da boneca, mas esse descobrimento de si mesma é visto mais como algo adquirido no meio do caminho e não como objetivo principal da jornada, que é feita na maioria das vezes em prol do bem comum, para salvar seu reino/casa ou amigas/família em perigo.

A Barbie de 2023 parte para essa jornada de autodescoberta pois começa a ver mudanças em si mesma que não existiam na perfeita Barbieland como estrias, crises existenciais, pensamentos de morte etc. Assim como exemplificado por Padilha (2017), o gênero não apenas define pronomes e roupas, mas sim experiências e vivências não só simbólicas, mas também concretas, corpóreas. Esse fenômeno é representado por Barbie estereotipada, que antes representava o ideal feminino, demandado por seu papel

estrutural, e eventualmente, ao se tornar humana, entra em contato com as divergências da performance de gênero que lhe é imposto. Ao que Barbie se torna cada vez mais próxima do real, ou seja, humana, mais as características corpóreas de um Eu falho aparecem, e Barbie, ao ser questionada se gostaria de saber a resposta do universo, ou voltar a usar salto alto, instantaneamente escolhe a segunda opção (Reis, 2016).

Além disso, no que se refere a renúncia, um momento do filme em que poderia ser considerado uma espécie de sacrifício pelo bem comum é quando Barbie se depara com Ken levando o patriarcado para Barbieland e colocando suas outras amigas Barbies como submissas e obedientes aos Ken's. O boneco, ao chegar ao mundo real se depara com o fato desta realidade ser governada por homens, e transporta alguns ensinamentos do patriarcado para Barbieland como a submissão das mulheres, estereótipos de virilidade masculina, gosto por cavalos, corridas e cervejas. No que se diz a estereótipos de virilidade e ao patriarcado Welzer-Lang (2001) traz que o masculino ao mesmo tempo que é obtenção de privilégios e a submissão ao modelo, e que na socialização masculina, para ser um homem é preciso que não haja nenhuma associação com o feminino, sendo algo rejeitado. Isso vai de encontro com as discussões sobre como os gêneros atravessam a sociedade e como as relações sociais de gênero se instituem.

Welzer-Lang também conceitua que as relações entre homens possuem como estrutura principal do masculino a imagem hierárquica das relações mulheres/homens. Existe dentro dessa noção de virilidade uma ameaça constante de ser desqualificado como viril, dentro de uma lógica de fetichismo fálico da virilidade e ser um homem dominado, como uma mulher. Ken transporta para Barbieland esses princípios patriarcais e os códigos de virilidade vistos no mundo real. Barbie Estereotipada ao ver como Barbieland (agora Kendom) está, volta do Mundo Real para poder salvar as suas amigas e a sua casa.

Pensando nisso e no que concerne ao agrupamento desse módulo, a renúncia feita pela Barbie principal diferentemente dos filmes de animação da boneca acontece de uma forma mais individual no sentido de renunciar seus antigos ideais de como, por exemplo, as suas convicções de que o mundo era um lugar perfeito e justo para uma viagem de descobertas, vulnerabilidades e aquisição de desejos das quais antes não pensava sobre.

Assim, pensando sobre a renúncia vista no agrupamento, no novo filme da boneca apesar de existir uma renúncia, ela não ocorre como nos antigos filmes sendo a única característica em comum é quando Barbieland está em perigo e Barbie estereotipada volta para ajudar as outras Barbie's. Um novo título para a produção mais nova da Mattel seria "Jornada de Autodescoberta" que teria como objetivo analisar os caminhos trilhados pela

Barbie Estereotipada em sua descoberta como indivíduo de desejos e interesses e entendimentos acerca das normas impostas pela sociedade no Mundo Real.

Amizades Verdadeiras

O segundo agrupamento do artigo original refere-se a “Renúncia de algo pelo bem comum”, que de acordo com Bacarin (2021, p. 366), se trata de: “[...] a amizade aparece como tema recorrente e relevante em quase todos os filmes da Barbie. Ser leal às amigas é uma característica valorizada e reafirmada no contexto dos filmes, a amizade, tal como o amor, deve ser “verdadeira e eterna”.

A partir do que foi observado no filme, por mais que amizade entre as Barbies seja um tema recorrente, não se assemelha aos vínculos caracterizados na pesquisa de base, que os define como unanimidade consensual, ou seja, a amizade não consiste em submissão de uma das partes, no entanto é necessário uma implícita concordância e sintonia entre as amigas. Já no filme “Barbie”, as amigas de Barbie apoiam umas às outras em suas conquistas e aventuras, mas o filme não deixa evidente a natureza dessas amizades. Já a amizade de Barbie Estereotipada e humanas é fidedigna ao agrupamento. Bacarin e Filha (2021) ressaltam em sua pesquisa que quando Barbies entram em discordância, separam seus caminhos, o mesmo acontecendo com Glória, sua filha e Barbie. Ao que Barbie aceita que os bonecos Ken’s instaurarem o patriarcado em Barbieland, começa a chorar e se nega a tomar uma atitude, entrando em uma discussão com Glória, que não aceita que Barbie fique sem fazer nada a respeito. Eventualmente Glória ao juntar o grupo de bonecos estranhos de Barbieland, que não sucumbiram ao patriarcado, consegue por meio de um discurso motivador e reivindicador, incentivar Barbie Estereotipada a se juntar à luta.

No entanto, por mais que o agrupamento seja fidedigno para a trama do filme, não expressa intimamente a profundidade da amizade entre Barbies e Humanas. Tais laços têm um inegável caráter político e social. Barbie Estereotipada é um exemplo de sororidade, que, como exemplifica Luísa Gadelha (2023):

A sororidade, como já prenuncia sua origem etimológica, significa a solidariedade entre mulheres, um tratamento entre irmãs, de cumplicidade, empatia e compassividade. O termo sororidade torna-se mais amplo que amizade, pois, enquanto a amizade é algo que pertence à esfera íntima do indivíduo, é possível sermos solidárias com toda e qualquer mulher, mesmo desconhecida. Assim, a sororidade atua como

uma espécie de amizade política, pois se estende a toda e qualquer mulher que possa vir a sofrer assédios, abusos e violências, independentemente do vínculo afetivo que nos une. É um termo, portanto, muito caro ao feminismo por conter um sentimento que não nos é ensinado em nossa socialização (Gadelha, 2023, p. 17).

Barbie Estereotipada representa, portanto, este fenômeno, tanto por sua amizade com Glória e sua filha, como pela amizade com as Barbies, e como todas se juntam por um propósito em comum. Barbie Estereotipada expressa este termo também na maioria das relações com mulheres que ela estabelece ao longo do filme, no entanto para Barbie, o sentimento de sororidade evolui ao longo do filme. A boneca assim como todas as outras de Barbieland, passavam suas existências acreditando ter salvado mulheres humanas do patriarcado, esperando agradecimentos pelos seus feitos históricos. No entanto, ao longo da aventura, descobrem que a Barbie não teve esse efeito, e por partes pode ter prejudicado o desenvolvimento do feminismo desde sua invenção.

Leal (2020, p. 153) pontua: "Aqui, as assimetrias de raça e classe entre mulheres são rapidamente dispensadas, como questões que podem ser facilmente resolvidas". Esta passagem exemplifica a sororidade que Barbie abandona ao longo da trama, um significado de sororidade baseado na unificação das mulheres, no entanto sem nenhum corte racial ou social, e a boneca passa a acrescentar novo sentido que envolve verdadeira luta e movimentos sociais, os quais as Barbies de Barbieland são colocadas à prova, na tentativa de salvar seu mundo.

O terceiro agrupamento é parcialmente replicável, se relacionado à dinâmica das personagens, mas em questão de conteúdo, ele carece de especialização, desse modo um título apropriado seria: "Comportamentos de Sororidade".

Amor romântico

O agrupamento a ser discutido é "Amor romântico", que de acordo com a autora, se trata de:

No agrupamento "Amor romântico" estão os filmes que têm o amor como tema central do roteiro. Assim como os temas da amizade e do altruísmo, o tema do amor romântico está presente em vários filmes analisados. Incluímos nesse agrupamento cinco filmes, pois, trazem o amor romântico como destino imutável para a conduta da feminilidade (Bacarin; Filha, 2021, p. 368).

Não é possível esclarecer se este agrupamento é fidedigno, uma vez que no filme "Barbie", o amor romântico não aparece como tema, ou mesmo como parte da trama do filme. Duas cenas que ajudam a explicar esse agrupamento, são inicialmente um encontro entre Barbie e Ken. No encontro Ken pergunta para Barbie se poderia dormir na casa dela, já que são namorados, Barbie parece confusa e responde que não sabe o que os namorados fazem, e nega o pedido de Ken, já que está tendo uma festa de pijama com as outras Barbies. Ken mostra se sentir frustrado, e ao sair da casa de Barbie fala para si mesmo: "Toda noite é festa de pijama". Portanto, relacionamentos amorosos no filme são encarados pelos personagens apenas como papéis a serem cumpridos, devido ao fato do dos personagens de Barbieland serem tratados como bonecos, não seres vivos, sem apego ou contato romântico entre Barbie e Ken.

Ao final do filme, onde Ken e Barbie se sentam frente a frente para falarem de suas discordâncias, é apresentado novamente a falta de interesse de Barbie Estereotipada pelo amor romântico, pela segunda vez no filme desviando de afeto físico de Ken, e negando suas propostas amorosas. Ken em um momento diz a Barbie: "Eu não sei quem eu sou sem você", ao que a boneca responde: "Mas você é o Ken", e por fim, Ken aponta: "Mas é Barbie e Ken, não existe apenas Ken. É por isso que eu existo. Eu só existo no calor do seu olhar." Souza (2017) elucida sobre a existência do boneco, apontando que Ken no universo de Barbie, não passa de um acessório, buscando realizar todos os desejos da boneca, e nunca tendo uma posição ativa na tomada de decisões no relacionamento.

Em vista do que foi argumentado acerca do agrupamento "Amor romântico", conclui-se que este não é fidedigno a obra de 2023, representado pelo desinteresse das protagonistas por parceiros românticos, não sendo identificado discrepâncias no comportamento de Barbie Estereotipada em relação a suas amigas, e possíveis interesses românticos. Em vista das conclusões abordadas em conjunto da pesquisa de Souza (2017), foi observável outro grupo de análise do filme de 2023, que anterior à nova produção, nunca foi aprofundado. Ken sob a direção e produção de Greta Gerwig ganha uma nova perspectiva, tendo seu papel no universo Barbie criticado, e gerando debates em relação à masculinidade que a empresa Mattel Inc. busca propagar.

Assim, o agrupamento observado é aplicável à discussão da existência de Ken é: "Variáveis da masculinidade", uma vez que, não apenas bonecos Ken existem em Barbieland. Allan, melhor amigo de Ken, é um exemplo de uma variável à masculinidade tradicional, no longa-metragem, o boneco não se rende ao patriarcado, sendo um dos aliados das Bonecas e Humanas na luta por seus direitos.

Acerca da simbolização do Ken, sua criação infere uma representação de masculinidade que constitui e faz referência a uma cultura heteronormativa, monogâmica e branca, contudo, sua representação não necessariamente é a masculinidade hegemônica vista como padrão de ser masculino. Esse questionamento parte do princípio de que assim como a feminilidade, a masculinidade é um conceito construído socialmente e no qual implica na inserção de uma série de artefatos e produções que dialogam com a forma que a masculinidade é vista e em como ela se relaciona.

Esses artefatos e produções interferiram na constituição do boneco Ken tanto em sua aparência constituída através de um fenótipo dito ideal pela sociedade quanto no motivo de sua criação, que foi pensada em uma perspectiva heteronormativa que o criou para o único fim de ser o namorado da Barbie. Isso é visto em várias cenas no filme de 2023 quando questionada sobre onde os Ken's moravam Barbie não soube dizer o que eles faziam quando não estavam fazendo companhia para as Barbies ou quando o próprio presidente da Mattel diz não se importar com o Ken e até mesmo em uma cena musical do filme quando Ken, estrelado por Ryan Gosling, canta a música de título "I'm just Ken", com tradução "Sou apenas o Ken" que também traz esse discurso.

Portanto, o personagem Ken, mesmo sendo o parceiro do ideal da mulher proposto pela Barbie, não é aclamado como macho produzido em sentidos e significados como um sujeito viril, bruto e desejanste. Galante, carinhoso e cuidadoso, o personagem rompe com elementos de performance dita masculina (Souza *et al.*, 2017)

Feminilidade diferente do modelo afirmado

O próximo agrupamento feito pela autora é chamado de "Feminilidade diferente do modelo reafirmado nos filmes", onde se analisa nos filmes a possibilidade de uma quebra do modelo hegemônico de feminilidade que a Barbie parecia representar ou que pudesse aparecer em uma das personagens nos desenhos. O objetivo deste agrupamento foi justamente tentar encontrar filmes que saiam dessa proposta tanto pelo roteiro quanto pela introdução de elementos novos que não aparecem em outras obras uma vez que em sua maioria os filmes da boneca mostram jovens que não necessariamente precisam da ajuda de um homem para ajudá-las em suas aventuras, mas que mesmo assim ao final da obra é visto como uma presença de uma feminilidade dócil, gentil, altruísta e abnegada, reafirmando como próprio do feminino a renúncia e o sacrifício (Bacarin, 2021 p. 371).

A partir do recorte feito pelo agrupamento, em cinco filmes da boneca foram encontradas algumas feminilidades subversivas, principalmente no filme “Barbie e as três Mosqueteiras”. No entanto essa feminilidade fora do padrão não é vista em toda a extensão e contexto dos cinco filmes, mas, apesar disso, são nesses filmes que a protagonista apresenta uma atuação mais presente, e que existe de alguma forma uma estratégia de resistência e rompimento às normas de gênero e a um único modelo de feminilidade. É encontrado uma ambiguidade na forma como a feminilidade é posta nos filmes da boneca uma vez que ao mesmo tempo que parece estar presente nas obras uma ininterrupta reafirmação de um modelo de feminilidade em que a personagem é submissa, obediente e servil também há uma vivência de feminilidade onde existe a insubordinação e resistências em algumas personagens que saem deste lugar passivo e são mulheres independentes que estão prontas para salvar o reino e suas amigas.

No filme da Barbie de 2023, isso é visto através das sátiras e críticas sociais ao mundo da boneca e o agrupamento é replicável quando essa ambiguidade é vista no filme, principalmente em como a feminilidade é vista. Há um debate cheio de sátiras sobre como o objetivo da boneca é empoderar, mas ao mesmo tempo existir nas produções essa norma de feminilidade reforçada pela Barbie. Em Barbieland a vida é perfeita e as Barbies são esses indivíduos autossuficientes e independentes que pensam que pelo objetivo da criação da boneca em mente, que era de empoderar meninas, o mundo real é similar a Barbieland e que as meninas de lá são empoderadas e não existe mais a desigualdade de gênero. Ao chegar ao Mundo Real, logo na primeira cena Barbie Estereotipada se depara com o assédio e a misoginia e percebe que o Mundo Real não mudou tanto assim e as Barbie's muitas vezes acabam por reforçar e até mesmo instaurar em muitas garotas um adoecimento ou a noção de “nunca ser perfeita como a Barbie”, uma vez que a mesma em sua narrativa pela perfeição e valorização estética extrema acaba por reforçar esse tipo de ideia. Esse pressuposto fica muito claro na cena em que Sasha, filha da Glória debate com a Barbie Estereotipada em sua escola com a seguinte fala:

“Faz as mulheres se sentirem mal com elas mesmas desde que foi inventada. Você representa tudo o que a nossa cultura tem de errado: capitalismo sexualizado, o ideal físico impossível... está matando o planeta com o incentivo ao consumismo desenfreado.”

Barbie Estereotipada rebate, no entanto, dizendo que ela existe para fazê-las felizes e para ajudá-las e que não controla o fluxo do mercado que dita as tendências de como tudo deve ser. Esse, dentre muitos outros, é um momento de realização da Barbie onde

Comentado [1]: Sugiro se valer de alguma estratégia para destacar o que é parte do material empírico da pesquisa. Essa fala, por exemplo, poderia ser colocada dentro de uma caixa de texto e em uma fonte menor de letra.

tem suas convicções colocadas à prova e percebe que o Mundo Real não é nada daquilo que havia imaginado e que continuava sendo um lugar hostil e desigual para as mulheres. Algo a se considerar, em concomitância a isso é em como a personagem principal de todos os filmes da pesquisa de base são brancas, magras e loiras, seguindo esse padrão de beleza imposto pela sociedade e em como isso mostra que não há uma estratégia de resistência e em como os marcadores de feminilidade são sempre visíveis e evocados mesmo quando a Barbie é uma fada, sereia, princesa ou lutadora. O novo filme não escapa dessa característica e coloca a Barbie estereotipada (branca, olho azul, loira) como a protagonista. Segundo Shirlei Steinberg (2001):

Do mesmo modo que qualquer outro aspecto da cultura infantil, o efeito do currículo da Barbie é idiossincrático: para alguns ela facilita a conformidade; para outros, inspira a resistência. Leituras múltiplas à parte, a Barbie opera dentro dos limites de lógicas culturais particulares. Ela louva a brancura – brancura loura em particular – como um padrão para a beleza feminina; [...] O currículo pode não ter efeito – nenhum efeito é garantido –, mas nós temos que tomar cuidado com o terreno no qual Barbie opera (Bacarin; Filha, 2021, p. 380).

Observa-se que a aparência das personagens principais dos filmes segue sempre o mesmo padrão: são brancas, magras e loiras. Isso não é diferente para a Barbie principal do filme de 2023 e uma possível teoria para explicar o porquê é relacionada tanto ao marketing, uma vez que a boneca loira é mais emblemática e conhecida da Mattel Inc., quanto ao padrão de beleza disseminado desde a época da criação da boneca até os dias atuais.

No entanto, apesar da aparência padrão da Barbie estereotipada, esse novo filme trouxe uma série de novos rostos para as Barbies, com etnias, culturas e tipos corporais diversificados. Isso é algo que a Mattel Inc. já vinha introduzindo no mercado, criando bonecas diversas e plurais, dada às discussões de representatividade, gênero e corporeidade da atualidade.

Uma vez que o filme tem um caráter crítico, e utiliza das argumentações de oposição à Mattel Inc. para compor a narrativa do filme, o fato da Barbie Estereotipada ser a protagonista pode servir justamente para a crítica social do filme e a esse ideal de feminilidade hegemônico, trazendo diferentes perspectivas da ideia da boneca Barbie e qual o símbolo que ela carrega, justamente para criar a reflexão do que são essas normas de feminilidades e em como elas atuam na realidade.

Assim, esse agrupamento pode ser replicável ao novo filme da boneca no que concerne às ambiguidades transmitidas do modo de feminilidade que aparecem no longa-metragem como forma de crítica.

Considerações Finais

Barbie, um símbolo da cultura ocidental que habita o imaginário de milhares de meninas, foi o objeto do presente estudo que permitiu trazer algumas reflexões sobre o modo em que as representações da feminilidade são apresentadas na sociedade e em como a própria boneca se relaciona com identidade de feminilidades e discursos de gênero, transmitindo interferências muitas vezes na construção de identidade. As animações cinematográficas feitas, que serviram de base para esta pesquisa, fazem uma interessante linha do tempo e de análise de como a Barbie, como uma representação do que é ser feminina foi se constituindo ao longo dos anos podendo ser vistos nos filmes mais recentes certas mudanças nas subversões da feminilidade.

O filme da Barbie lançado em 2023 trouxe em seu discurso diversas observações acerca das simbolizações das mulheres que são perpassadas pela boneca e no modo como as identidades sociais do que é ser feminino são esboçadas.

Todavia, o filme de 2023 apesar de abrigar em seu discurso significativas mudanças ao encarar a feminilidade de uma nova geração, assim como abordado em "Amor romântico", é questionável os propósitos comerciais da inclusão na produção de Greta. O filme realiza uma crítica a si mesmo ao longo da trama, por ter novamente um Barbie loira, magra, branca, ou seja, estereotipada, como protagonista. Isso aparece também na crítica que é feita em uma das cenas do filme quando ao chegar na empresa Mattel Inc. Barbie questiona sobre lideranças femininas e descobre que apenas homens possuem os grandes cargos da empresa, no entanto o filme não faz nada além de satirizar, não mostrando qualquer intenção de mudança, exemplificando os limites criativos de uma produtora como Greta Gerwig, criadora de obras reconhecidas pelo tema feminista como "Pequenas Mulheres" (2019) e "Lady Bird: A hora de voar" (2017). Em conclusão, mesmo mostrando evoluções moralistas e de perspectiva contemporânea dos papéis sociais, as intenções implícitas do longa-metragem ainda são insuficientes por mudanças.

Referências

ARAÚJO, Elisa. **Seja quem você quiser: a evolução publicitária da marca Barbie em relação com o avanço do movimento feminista**. 2021. Monografia (Bacharel Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda). Escola de comunicação social e habilitação em publicidade e propagando, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiás. 2021

BACARIN, Telma; FILHA, Constantina. **Subjetivações femininas: Entre concordâncias e possibilidades de resistência nos filmes de animação da Barbie**. 2021. Revista Diversidade e Educação, v. 9, n. 1, p.350-379, Jan./jun. 2021. Doi: 10.14295/de.v9i1.13002

DA SILVA, Rosângela. **As representações sociais do feminino: um olhar sobre a boneca Barbie**. 2016. Comunicologia-Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília, p. 181-192. 2016.

DE FRAGA, Larissa; LUZ, Annelena. **Os Comerciais da Barbie e a Formação do Imaginário da Mulher**. Revista Temática, v. 16 n. 2, p. 47-63 (2020): Fevereiro. 2020.

ELLSWORTH, Elizabeth. **Modo de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Nunca fomos humanos. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 7-76.

GADELHA, Luísa. **Tetralogia napolitana: o mito do amor materno e a amizade entre mulheres em Elena Ferrante**. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 2023. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/150649/2/632464.pdf>

JODELET, Denise. **La representación social:Fenómenos, concepto y teoría**. In: Psicología Social (S. Moscovici, org.). Barcelona: Paídos, 1985p. 469-494.

LEAL, Tatiane. **O sentimento que nos faz irmãs: construções discursivas da sororidade em mídias sociais**. Dossiê Crise, Feminismo e Comunicação. v. 23, n. 3. 2020. DOI: 10.29146/eco-pos.v23i3.27601

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós estruturalista Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ, Vozes, 1997. p. 14-36

LÚCIO, Kenya Vaneska Ribeiro de Lima. **O uso das animações na educação infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia), Departamento de Práticas Educacionais e Currículo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

MAGALHÃES, Cláudio. **A interpretação entre criança e TV**. Comunicação & Educação, São Paulo, Brasil, n. 27, p.38-45, 2003. DOI: 10.11606/issn.23169125.v0i27p38-45.

NUNES, Luciana. **As imagens que invadem as salas de aula: reflexões sobre Cultura Visual**. Aparecida: Ideias & Letras, 2010

SOUZA, Michely; TAKARA, Samilo; TERUYA, Teresa. **Pedagogias culturais das feminilidades: os endereçamentos masculinos do personagem Ken**. Educação, vol. 42, núm. 3, 2017, Setembro-Dezembro, pp. 717-730 Universidade Federal de Santa Maria Brasil. Doi: <https://doi.org/10.5902/1984644422673>

STEINBERG, Shirlei. **A mimada que tem tudo**. In: STEINBERG, Shirlei R.; KINCHELOE, Joe L. (orgs.) Cultura infantil: a construção corporativa da infância. Trad. George Eduardo Japiassú Brício. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p.321-338.

RIBEIRO, Vannini et al. **Uma análise do filme Barbie (2023), da boneca e suas implicações no desenvolvimento da criança**. BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA). ano V, vol.15, n.45, Boa Vista, 2023. Doi: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8342825>

FILHA, Constantina. **Gênero e resistências em filmes de animação**. Revista Proposições, v. 27, p. 19-36, 2016. Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal de Campinas. Doi: 10.1590/0103-7307201607902

PADILHA, Vitória; PALMA, Yáskara. **Vivências não-binárias na contemporaneidade: Um rompimento com o binarismo de gênero**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos). Florianópolis. 2017

REIS, Neilton; PINHO, Raquel. **Gêneros não-binários, identidades, expressões e educação**. Revista Reflexão e Ação; v. 24, n. 1, p. 7-25. Santa Cruz do Sul. 2016. Doi: 10.17058/rea.v24i1.7045

WELZER-LANG, Daniel. **A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia**. Revista Estudos Feministas.v.9,p.460-482, 2001. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200008>

Recebido em fevereiro de 2024.

Aprovado em maio de 2024.